

UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA SOBRE A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Pesquisadores: Alexandra Abdala, Benedita Regina A. Freitas, Claudia Silva, Maria Lucia Ornelas, Marilene M. dos Santos, Milton A. Diniz, Rosimeire da S. Amorim, Rosane Teixeira, Simone M. de Barros, William M. Pirani.

FTU

Departamento de graduação em Teologia

Eixo temático: Filosofia

Categoria: Pôster

OBJETIVO

Este trabalho pretende demonstrar os impactos da intolerância religiosa no cotidiano brasileiro nos dias atuais, de que forma este pensamento se construiu a partir do segundo período da Idade Média e quais as formas para se construir uma idéia de tolerância baseada na igualdade e respeito à diversidade.

INTRODUÇÃO

Discorrer sobre a intolerância religiosa é como contar a história de uma vida. Da sua, da minha, da vida de todos nós.

A intolerância está presente nos pequenos fatos do nosso cotidiano e nos grandes acontecimentos que moldaram a nossa história. Muitas vezes, não percebemos suas consequências, vemos as situações como algo alheio, estrangeiro, que acontecem somente aos outros sem que tenham influência sobre nós.

Desde a nossa infância, aprendemos sobre os fatos da História, sem nos darmos conta que os marcos do passado moldaram a vida daqueles que nos antecederam e determinam as nossas, até os tempos atuais.

Quando morticínios em massa, grandes devastações, ou morte por apedrejamento, fruto de intolerâncias, chegam a nós de forma pasteurizada, destituída de sentido e sentimento, fazem com que nossa reação seja de completa naturalidade e frieza. Colocando-nos como meros expectadores, passivos e omissos, reféns do endurecimento que a intolerância causa no homem e em suas relações sociais.

Dentre as várias facetas da intolerância, a religiosa é a que mais nos afeta, por ser a religiosidade um dos pilares de sustentação simbólica da humanidade.

A religião é a síntese da identidade de um grupo social, atingi-la é desestruturar o que há de mais profundo dentro de cada indivíduo que a compõe.

Neste artigo pretendemos demonstrar como essa intolerância religiosa se fez presente ao longo da história. Para tanto, faremos um recorte histórico considerando o segundo período da Idade Média e os dias atuais.

Demonstraremos que a intolerância, religiosa ou não, é um exercício de poder: político, sócio-econômico, cultural ou religioso e, que no decorrer da história, esse poder passa de um povo a outro. Uma determinada coletividade, que num momento da história escraviza ou age com intolerância, em outros momentos pode ser vítima dela, formando um ciclo vicioso.

Fundamentaremos nossa análise em autores que abordaram esse polêmico tema em suas obras, dentre eles John Locke e Voltaire, com obras publicadas no início da Idade Moderna, e Francisco Rivas Neto que aborda esse tema no momento atual.

METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica acerca da tolerância religiosa tendo como base principal os textos dos autores Voltaire (François Marie Arouet), *Tratado sobre a Tolerância*; John Locke, *Carta Acerca da Tolerância* e Francisco Rivas Neto, *A Assimetria do Sagrado nas Religiões Afro-brasileiras e Vertente Una do Sagrado*.

A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA – FATOS HISTÓRICOS

Impossível dissertar sobre a intolerância religiosa sem antes demonstrar a importância da Religião na formação social. A religião é um dos pilares de formação e sustentação da sociedade. É formadora do pensamento, dos valores morais configurando-se assim, no ethos¹ e visão de mundo de uma determinada coletividade.

Segundo Durkheim a religião é imperecível, nenhuma sociedade de um ou de outro modo, pode ficar sem ela, é uma constante de qualquer sociedade, para além de suas variações. Sendo assim, não existe sociedade sem religião ou um equivalente dela.

A intolerância religiosa pode se dar de um grupo religioso em relação ao outro ou até mesmo dentro de um mesmo grupo provocando cisões e formas de vivenciar a religiosidade.

É importante observar que foi nos momentos históricos onde o processo de intolerância religiosa se mostrou mais violento, o Estado e a Igreja, estavam unificados. Esse fato propiciava um exercício de poder, lembrando que, se o Estado detém os instrumentos de poder e violência, a religião entra como uma justificativa ideológica para corroborar as práticas de dizimar promovidas pelo Estado.

Este aspecto é percebido desde as expansões dos romanos, dos muçulmanos, do cristianismo católico e do nazismo, se faz presente até os dias atuais, nos países onde não há separação entre Estado e Igreja.

Ressaltamos o fato de que esses movimentos tiveram em comum, o ataque ao politeísmo. A aliança entre Igreja e Estado tem como alicerce principal o monoteísmo, com a concepção do Deus Único, infinito em potência, radicalmente diverso de todo o resto. Portanto, nasce uma nova e radical concepção da transcendência, derrubando qualquer possibilidade de considerar outra coisa como “divino” no sentido amplo do termo.

A partir do momento que todos acreditam no mesmo Deus, nos mesmos dogmas, torna-se mais fácil a manipulação da religiosidade como poder.

O ESTIGMA

Revisando os marcos históricos da intolerância religiosa, podemos afirmar que sua base fundamental é a criação e perpetuação do estigma.

A intolerância é reforçada por inúmeros fatores, que sempre determinam as relações de domínio e submissão e, em especial, a manutenção e detenção do poder político e econômico. Neste jogo de interesses, “onde o real e o imaginário” se confundem ainda mais, mecanismos ideológicos² de classificação das diferenças (às vezes mais, às vezes menos sublineares, mais sempre perversos) são recriados a todo momento, produzindo e alimentando estereótipos e estigmas.

Podemos citar alguns exemplos de marcas, tais como traços físicos (tamanho do crânio do negro, o formato do nariz do judeu, a cor da pele do índio e do negro e do judeu), além de estereótipos vindos das condições sociais ou ainda, as características próprias de crenças religiosas (tradição oral, politeísmo, culto aos ancestrais) que foram acentuadas e classificadas e hierarquizadas negativamente transformando-se em estigmas.

REFLEXÕES FILOSÓFICAS ACERCA DA INTOLERÂNCIA

É impossível discorrer sobre a Intolerância religiosa sem fazer alguma referência a John Locke (1632 - 1704) e Voltaire, François Marie Arouvet, (1694 - 1778), ambos envolvidos no movimento cultural iluminista; o primeiro como seu precursor e o segundo como um dos seus mais fortes ícones.

Obras clássicas como *Carta acerca da Tolerância* e *Tratado sobre a Tolerância* marcaram as reflexões filosóficas sobre o tema.

JOHN LOCKE E A LAICIZAÇÃO DO ESTADO

John Locke (1632 – 1704), filósofo empirista inglês, em sua obra “Carta acerca da Tolerância” demonstrou a necessidade de um Estado laico para a garantia de uma sociedade que respeitasse as diferenças.

John Locke, através do seu pensamento empírico desenvolveu as bases da democracia liberal e no século XVIII a revolução francesa.

Estando em oposição ao absolutismo e, conseqüentemente, ao pensamento de Tomás de Aquino, criador da escolástica, que defendia a subordinação da política aos valores ditados pela igreja católica, Locke considerava que somente o conhecimento provindo da experiência deveria guiar a política, uma vez que o Estado é o produto de um “contrato social” entre os homens. As bases de seu pensamento acerca da tolerância religiosa podem ser expressas por meio desta citação:

Se houvesse apenas uma religião verdadeira, uma única via para o céu, que esperança haveria que a maioria dos homens a alcançasse, se os mortais fossem obrigados a ignorar os ditames de sua própria razão e consciência, e cegamente aceitarem as doutrinas impostas por seu príncipe, e cultuar Deus na maneira formulada pelas leis de seu país. (LOCKE, 1978 p.6).

O filósofo negava, assim, a aplicação do direito divino ao Estado e aos governantes, separando e definindo bem os limites entre o primeiro e a instituição religiosa. Da mesma forma, aponta para a questão da diversidade religiosa ao afirmar que sua negação: “...salientaria o absurdo e a inadequada noção de Deus, pois os homens deveriam sua felicidade eterna ou miséria simplesmente ao acidente de seu nascimento”. (LOCKE, 1978, p.8)

Locke desenvolve também os princípios da tolerância. Sob a jurisdição do magistrado estabelece que ela diz respeito somente aos bens civis e não pode ser de modo algum estendido à salvação das almas, pois: em primeiro lugar, “isso não lhe foi outorgado por Deus, porque não parece que Deus jamais tenha delegado autoridade a um homem sobre outro para induzir outros homens a aceitar sua religião” (LOCKE, 1978, p.5).

Diz também que o cuidado das almas não pode pertencer ao magistrado civil, porque seu poder é de natureza coercitiva, ao passo que a “religião verdadeira e salvadora consiste na persuasão interior do espírito” (LOCKE, 1978, p.5). Por fim, mesmo se a autoridade das leis e da força das penalidades fossem capazes de converter ainda assim, isso em nada ajudaria para a salvação das almas.

Em resumo, seu pensamento acerca da tolerância e sobre a relação entre os estados laicos e as religiões está baseado no respeito à individualidade, à diversidade de opinião e na liberdade de expressão.

As teses de Locke influenciaram as idéias principais dos iluministas franceses, inclusive no texto da independência francesa em 1776 como também os pensadores norte-americanos.

VOLTAIRE E A CRÍTICA A UMA RELIGIÃO ÚNICA

François-Marie Arouet conhecido como Voltaire (1694 – 1778), escritor francês, ícone iluminista, nasceu em uma família burguesa da França. Estudou com os Jesuítas no Colégio Louis-le-Grande em Paris.

Os filósofos do iluminismo depositaram grande confiança em sua própria capacidade de raciocinar, em sua experiência e autonomia intelectual. Isso resultou na oposição à Igreja e a seus ensinamentos mais autoritários, que os filósofos iluministas chamavam de “superstições”.

Foi neste contexto que Voltaire escreveu seu Tratado sobre a Tolerância. Para Voltaire a intolerância religiosa tinha como principal objetivo a busca do poder com a imposição de uma religião dominante. Levando em conta as diferenças individuais, Voltaire afirmou que em se tratando de religião, não existem verdades absolutas mas, sim verdades relativas. Assim, segundo ele, o que garante a paz e a tolerância entre as pessoas é o respeito com as diversidades de crenças e religiões.

Ao afirmar que a intolerância religiosa tem como principal fundamento a busca pelo poder, inserido em um contexto histórico essencialmente cristão, faz a crítica a religião única:

(...) imposição como religião dominante, mas também as superstições e os preconceitos(...) é incontestável que a sua religião fosse a dominante (...) A opinião deles era que toda a terra devia ser cristã, logo tornaram-se necessariamente inimigos de toda a terra, até que a terra inteira se convertesse (VOLTAIRE, 1978 p. 291).

Para Voltaire não dependia do homem acreditar ou não acreditar, mas depende dele respeitar os costumes. “Se disseres que é crime não acreditar na religião dominante, tu mesmo acusarias os primeiros cristãos, teus antepassados, e justificarias aqueles que acusas de tê-los entregue aos suplícios”. (VOLTAIRE, 1978 p.280).

Voltaire defendia que quanto mais uma religião fosse divina menos competiria ao homem comandá-la porque a intolerância só produz hipócritas e rebeldes.

Para Voltaire a intolerância religiosa e, conseqüentemente a discórdia que dela resulta e que dura há tantos séculos é uma claríssima lição de que devemos perdoar uns aos outros os nossos erros: a discórdia é a grande peste do gênero humano e a tolerância é seu único remédio. (REALE e ANTISERI, 1990).

Segundo Voltaire todos os assassinatos cometidos em nome da religião

sempre foram por interesses pessoais e não por causa da crença e afirma que uma das atitudes mais difíceis do ser humano é a de ser tolerante principalmente ao se tratar de religiosidade.

FRANCISCO RIVAS NETO E A ASSIMETRIA DO SAGRADO

Francisco Rivas Neto, nasceu em São Paulo em 1950, formado em medicina como cardiologista é sacerdote umbandista e autor de vários livros sobre ciência e espiritualidade.

Como um autor contemporâneo aborda a questão sobre a intolerância religiosa com um enfoque diferenciado dos autores antes citados.

Rivas Neto traz reflexões sobre a origem da intolerância religiosa que acompanha o homem há séculos de uma forma viciosa, e quase como um aspecto natural.

Em seu texto intitulado *Assimetria do Sagrado nas Religiões Afro-brasileiras* afirma que a religião é um fenômeno social que é universal, pois pode ser encontrada em todas as sociedades. Faz um alerta sobre a tendência ocidental a limitar o Sagrado³ às religiões abraâmicas.

Expõe o conceito ideológico existente nas religiões ocidentais abraâmicas quem tem como base o tripé, dogma, fé e tradição escrita.

Afirma que A revelação, ato de “*fundar a verdade*”, institui dogmas (verdades inquestionáveis), tornando a tradição estática, e que quando a tradição revelada é fixada pela escrita torna-se imutável.

Sendo dogmática e estática, a tradição escrita admite uma única via de interpretação do Sagrado (codificação), uma só linguagem que leva ao engessamento e à exclusão de outras possibilidades de compreensão Dele. Com isso, ocorre o congelamento histórico e espiritual do ser e a negação da alteridade e também da diversidade religiosa.

Como exemplo incluyente, Rivas Neto apresenta as Religiões Afro-brasileiras que tem como características principais: a tradição oral, o sincretismo e o culto aos ancestrais.

A tradição oral, por não ser fundada em verdades absolutas, tem como base a constante mudança. Ao ser transmitida ela se reconstrói e se mantém viva. Por não ser codificada aceita várias formas de interpretação do Sagrado que a faz essencialmente incluyente.

As religiões Afro-brasileiras abarcam a diversidade religiosa oriunda da miscigenação de diferentes povos das matrizes formadoras da sociedade brasileira (índios, negros e indo-europeus) promovendo a síntese desse encontro, por meio do sincretismo.

Por ser um sistema aberto e em constante mudança as religiões Afro-brasileiras não se opõem aos demais pilares do conhecimento assim, não ocorre o confronto entre a religião e a ciência, como afirma Rivas Neto.

Para Rivas Neto (<http://sacerdotemedico.blogspot.com>, junho de 2010).

O Sagrado transcende as religiões, sendo portanto assimétrico. A assimetria do Sagrado se deve ao fato das religiões vê-Lo de várias maneiras diferentes, e isto permite a interação e a paz entre os homens. E nisso as Religiões Afro-brasileiras são os principais exemplos dessa interação. Todas as religiões são necessárias, mas são visões particularizadas do sagrado. Assim sendo, toda a religião é legítima, pois é uma forma de perceber o Sagrado. O Sagrado é uma forma de conhecimento que se manifesta na religião, na filosofia, na arte e na ciência.

Embora existam diferenças entre as religiões dogmáticas e as não dogmáticas elas tem um ponto em comum – A Vertente Una do Sagrado.

Rivas Neto afirma que como consequência da hipervalorização da forma em detrimento da essência é que passamos a pautar nossos valores e relações sociais em função das diferenças aparentes que existem entre nós. Advém daí os vários preconceitos e discriminações como os relacionados com a etnia, com o sexo, com a cultura, o nível socioeconômico, com a religião. Temos uma sociedade que dá mais valor à diferença do que à semelhança. Favorecemos assim, o egoísmo, o exclusivismo e o separatismo.

CONCLUSÃO

Com a Vertente Una do Sagrado passamos de uma visão fenomênica que ressalta as diferenças para uma visão mais aprofundada, interessando-nos a semelhança estrutural, os princípios que formam todas as religiões.

Como podemos observar no diagrama a seguir, todos acreditam em uma Realidade Divina, perfeita, eterna, Una e imaterial. Os cristãos chamam Deus; os islâmicos, Allah; os judeus, Iavé; os budistas, Nirvana ou Mente Incriada; os Taoístas, Tao; os vedanta, Brahman e assim por diante. Desta forma, temos o topo de nossa Vertente Una.

Existem, também, em todos os setores, Potestades Divinas que coordenam o Universo, as formações da matéria, as leis que regulam a evolução dos seres, com nomes diferentes segundo cada setor, mas com funções semelhantes.

A seguir, temos os Ancestrais Ilustres da humanidade, seres que viveram no planeta, encarnados e que foram veículos da manifestação do Sagrado em sua pureza. Foram os grandes patriarcas, profetas de todos os povos, grandes líderes da humanidade que revelaram meios, métodos e regras para a união do homem com o Sagrado. Os princípios ensinados por estes augustos condutores de raças foram sempre os mesmos, apenas adaptados a cada local e situação.

Por fim, temos a humanidade terrena que ainda se digladiava tentando

fazer prevalecer a ideia de um sobre os outros, buscando a satisfação dos sentidos como forma de realização da personalidade temporal. Essa mesma humanidade necessita engajar-se neste processo de verticalização que conduz ao Sagrado, ao destino ultrínimo de nossa coletividade planetária.

Assim, a Vertente Una do Sagrado nos demonstra que apesar das aparentes diferenças existe uma estrutura que marca o princípio de todas as religiões.

A Vertente Una do Sagrado nos mostra que apesar das formas particularizadas de se interpretar o sagrado existe uma igualdade essencial.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. 13ª ed. São Paulo: Ática, 2003.
- DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. 4 ed. São Paulo: Nacional, 1966.
- HATTSTEIN, Markus Hatt. Religiões do mundo. Editora Konemann, edição, 1997.
- HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem, Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p.30.
- LOCKE, John. Carta acerca da tolerância. Coleção Os Pensadores. Abril Cultural.
- MIZRAHI, Rachel. Os tribunais da Inquisição e a nova diáspora dos judeus. Revista História Viva – Grandes Religiões 2 – Judaísmo. Editora Duetto.
- NETO, Francisco Rivas. Umbanda a Proto-síntese Cósmica. 3ª. Edição. São Paulo: Pensamento, 1994.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dário. História da Filosofia. Vol II. 6ª. edição. São Paulo: Paulus, 2003.

VOLTAIRE, François Marie Arouvet. Tratado sobre a tolerância. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo: Escala.

VICENTINO, Cláudio. História Geral. 3ed. São Paulo: Scipione, 1993.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

IANNI, OCTAVIO - (trecho extraído do artigo publicado no site sciellio.br/pdf/eav18n50/a03v1850.pdf, 25.07.10, 14h38).

<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf2/texto%2013.pdf>

<http://sacerdotemedico.blogspot.com> – (Texto Assimetria do Sagrado nas Religiões Afro-brasileiras)

<http://sacerdotemedico.blogspot.com/2010/06/assimetria-do-sagrado-nas-religioes.html>

¹ Ethos, na sociologia é uma espécie de síntese dos costumes de um povo. O termo indica, de maneira geral, os traços característicos de um grupo do ponto de vista social e cultural, que o diferencia de outros. Seria assim, um valor de identidade social.

² A ideologia em um fenômeno histórico-social, decorrente do modo de produção econômico. É uma rede de imagens e de ideias ou um conjunto de representações sobre os seres humanos e suas relações, sobre as coisas sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, os bons e os maus costumes.

³ O sagrado é a espiritualidade universal, inerente a todo o ser humano, imaterial e atemporal. (Neto, F.Rivas 1989). Umbanda a Proto-Síntese Cósmico.